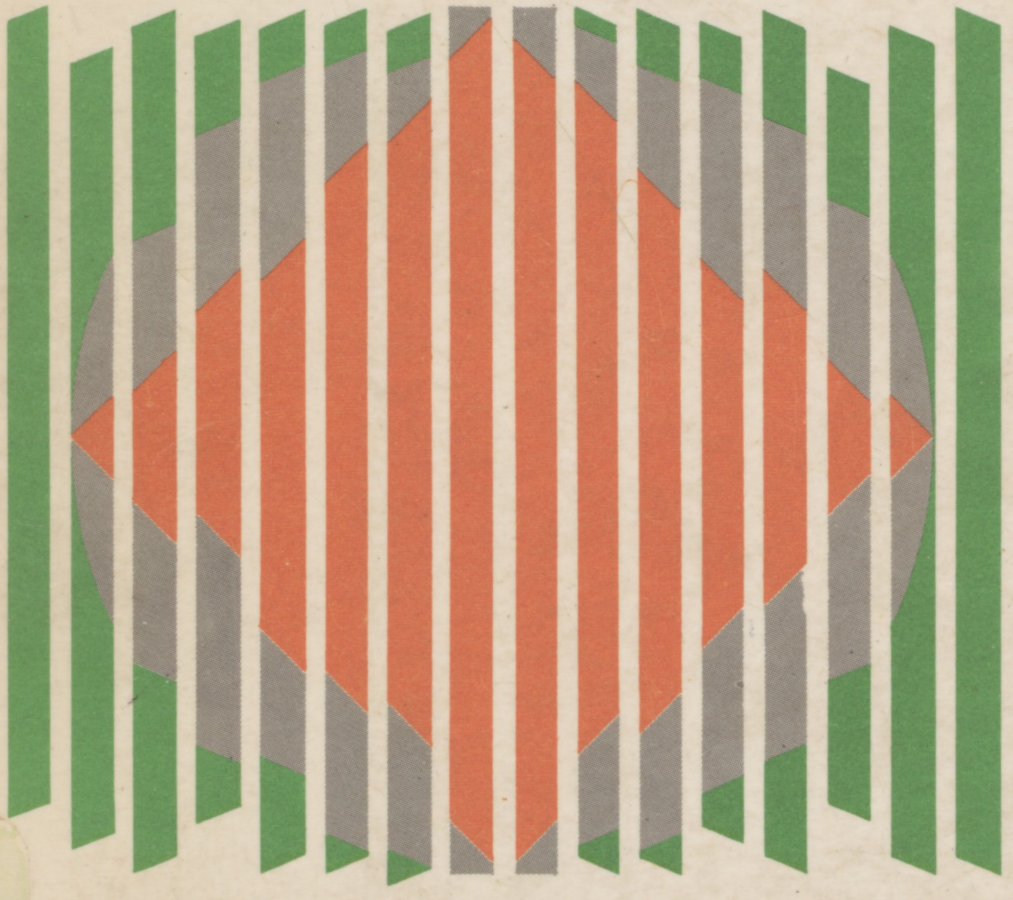
A BRASILIDADE MODERNISTA

SUA DIMENSÃO FILOSÓFICA



EDUARDO
JARDIM DE MORAES

graal

Klaxon, a primeira revista modernista, "Mensário de Arte Moderna", começou a circular a 15 de maio de 1922. Seu último número, duplo, oitavo e nono, traz a data de dezembro de 22/janeiro de 23, e é dedicado a Graça Aranha.

Os propósitos de *Klaxon* são os mesmos definidos pelo grupo organizador da semana de fevereiro de 22. Tomemos o texto de apresentação da revista assinado pela redação. Ele se divide em quatro partes: "Significação", "Estética", "Cartaz" e "Problema".

"Significação" é uma explicação, um ajuste de contas com a Semana de fevereiro, o anúncio da necessidade de construir e, finalmente, uma alusão ao problema da atualização pretendida pelos novos. A Semana é vista como o resultado de lutas anteriores:

"A luta começou de verdade em princípios de 1921 pelas colunas do *Jornal do Comércio* e do *Correio Paulistano*. Primeiro resultado: 'Semana de Arte Moderna – espécie de Conselho Internacional de Versalhes'. Mas logo em seguida o ajuste de contas, a proclamação da necessidade de uma fase construtiva: 'Houve erros proclamados em voz alta. Pregaram-se ideias inadmissíveis'. E a necessidade de construção: 'É preciso construir'. Para terminar, a proposta de atualização estética: 'E *Klaxon* não se queixará jamais de ser incompreendida pelo Brasil. O Brasil é que deverá se esforçar para compreender *Klaxon*'".

Há neste final de "Significação" um problema importante a se considerar. *Klaxon* se define como uma revista de vanguarda. Pretende exprimir-se em uma linguagem que está à frente das linguagens artísticas da época, e isto por uma necessidade de exprimir a realidade nova do Brasil. Vocação claríssima da revista: os brasileiros, até *Klaxon*, representavam esteticamente a realidade em uma linguagem anacrônica. É preciso atualizar a linguagem em função de uma realidade atual. Donde o caráter vanguardista do final de "Significação": O Brasil deve aprender a falar a sua linguagem. Linguagem-vanguarda, em comparação com as linguagens vigentes até então. Mas linguagem atual, pois é ela a linguagem do Brasil moderno, real.

"Estética" retoma o último parágrafo de "Significação": o importante é ser atual, e isto significa estar inscrito na vida presente, no Brasil de *Klaxon*, não é a

vida do isolamento estético do país. Os acontecimentos ocorridos em segunda década do século exigiriam a participação do Brasil no cenário internacional. Portanto, não há como se manter no nível do "Jeca Tatu". *Klaxon* se define como internacionalista. Daí sua necessidade de contato com as vanguardas de outros países. Explica-se assim outro dado importante para a compreensão do conteúdo da revista: as representações internacionais que ela mantém em outros centros de vanguarda, as colaborações de autores estrangeiros, a atenção que é dada ao cinema, a correspondência remetida dos brasileiros na Europa.

O projeto de modernização-atualização, com tudo o que ele implica, está presente em todo o ideário do programa inicial de *Klaxon*: a arte não é a cópia da natureza, mas é uma "lente transformadora e mesmo deformadora da natureza". São abandonados desta forma os cânones estéticos do realismo e do naturalismo literários, o academismo que imperava em nossas obras de artistas plásticos.

Em seguida, ainda sob a rúbrica "Estética", uma série de preceitos estéticos são apontados como princípios da modernidade. Eles definem geralmente a oposição entre o passadismo que se quer combater e o modernismo deste primeiro momento. Ser atual é ser moderno, é aceitar o progresso contra a repetição do passado. *Klaxon* prega a liberdade da pesquisa artística e procura explicar a arte pela psicologia experimental. *Klaxon* opõe o cinema (Perola White) ao teatro de Sarah Bernhardt. "Sarah é tragédia, romantismo sentimental e técnico. Perola é raciocínio, instrução, esporte, rapidez, alegria, vida. Sarah Bernhardt = século XIX. Pérola White = século XX". Ainda reforçando o caráter independente da revista, *Klaxon* se diz "klaxista", e não futurista.

"Cartaz" faz o elogio da era da técnica e se propõe representar o seu tempo caracterizando-o como multifacetado. Mas aqui o importante é a ideia de construção que está presente – os escritores são chamados de engenheiros que se utilizarão "dos materiais que lhes convierem", em seu "ímpeto construtivo".

Em "Problema" o principal inimigo é o romantismo e o século XIX. Verificamos que, por toda a apresentação, o alvo sempre identificado, mais que orientações estéticas do passado, é o espírito do século XIX. "Há perto de 130 anos que a humanidade está fazendo manha". A esta manha se opõe uma revolta

construtiva e alegre que é a "operação cirúrgica" de "extirpação das glândulas lacrimais". O modernismo ainda não descobrira a importância do romantismo para a constituição de uma literatura nacional. Será preciso haver uma mutação da problemática mais profunda para trazer à tona a questão da brasilidade.

***A Brasilidade Modernista*, Eduardo Jardim de Moraes, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1978, pp. 66-68.**